

**“MINHA FEMINILIDADE NÃO É VIVIDA NOS PADRÕES”:
(DES)CONSTRUÇÕES ESTUDANTIS ACERCA DE FEMINISMOS
E FEMINILIDADES**

Elaine de Jesus Souza¹
Eugèrbia Paula da Rocha²

RESUMO

Este estudo teve como principal objetivo analisar discursos sobre feminismos e feminilidades juvenis no contexto escolar do cariri cearense a partir da problematização de artefatos culturais. A pesquisa contou com 13 estudantes jovens mulheres de escolas públicas estaduais, por meio de uma entrevista coletiva. Empregamos a análise foucaultiana do discurso para examinar o material empírico. Os resultados obtidos evidenciaram que as feminilidades juvenis são marcadas por diversas questões, tais como; padrões estereotipados, assimetrias nas relações de gênero, assédios, violências e o não reconhecimento das múltiplas feminilidades. Assim, concluímos enfatizando a importância de incorporar os feminismos e feminilidades nos currículos escolares, visando reconhecer, sua importância e contribuição para a equidade de gênero.

Palavras-Chave: Gênero; Feminismos; Feminilidades.

ABSTRACT

The main objective of this study was to analyze the discourses on youth feminisms and femininities in the school context of Cariri, Ceará, based on the problematization of cultural artifacts. The research included 13 young female students from state public schools, through a press conference. We employ a Foucaultian discourse analysis to examine the empirical material. The results obtained showed that juvenile femininities are marked by several issues, such as; stereotyped patterns, asymmetries in gender relations, harassment, violence and the non-recognition of multiple femininities. Thus, we conclude by emphasizing the importance of incorporating feminisms and femininities in school curricula, known, their importance and contribution to gender equity.

Keywords: Gender; Feminisms; Femininities.

¹ Professora Adjunta do Instituto de Formação de Educadores (IFE) da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Área de Educação em Ciências (AEC/UFCA/CNPq); Membro do Grupo de Pesquisa Meio Ambiente, Biodiversidade e Ensino (MABE/UFCA/CNPq); Membro do Grupo de Pesquisa Gênero, Sexualidade e Estudos Culturais/GESEC/UFS/CNPq. Professora Permanente do Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe/PPGECIMA/UFS. Pós-doutoranda em Educação na Universidade Federal da Bahia/UFBA.

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Bióloga e licenciada em Ciências Naturais e Matemática pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Ciências (PemCie).

INTRODUÇÃO

Ao direcionarmos o olhar investigativo para o cenário contemporâneo educacional brasileiro, nos deparamos com o retrocesso de políticas públicas direcionadas aos temas sexualidade, gênero e feminismos no contexto escolar. Justamente em um contexto social e político em que os sistemas educacionais precisariam assumir essas questões como dimensões fundamentais para a formação humana. Em decorrência dessa onda conservadora reinstalada na sociedade contemporânea, acentuam-se às normatizações em torno das identidades/diferenças, sobretudo, com relação às mulheres, muitas vezes criadas e educadas culturalmente para seguir regras de “boas condutas” tornando-as submissas.

O cenário regional do Cariri é marcado por violências de gênero que afetam a vida de muitas jovens/mulheres. Segundo o Atlas da Violência (2019), o Ceará é o terceiro estado mais violento do Nordeste apresentando maior número de homicídio contra as mulheres em 2017. Outro fator alarmante é que entre todas as mulheres assassinadas no País, 66% dessas mulheres são negras, evidenciando a desigualdade racial. O Cariri cearense também apresenta alto índice de violência doméstica familiar; segundo os dados do Ministério Público do Ceará (MPCE)³ no ano de 2019, só em Juazeiro do Norte, foram registrados 1.275 casos criminais. E nos dois primeiros meses de 2020, somente na região CRAJUBAR (Crato, Juazeiro e Barbalha) já haviam registrados 121 crimes violentos, além dos registros de medidas protetivas para as mulheres.

A vulnerabilidade social em que as mulheres estão inseridas pode ser atribuída a um conjunto de fatores: o reflexo machista, falta de (in)formação das mulheres sobre seus direitos, submissão e subordinação masculina, ausência de políticas públicas, além da omissão em inserir nos currículos escolares e trabalhar essas temáticas nos espaços educacionais, reforçando as assimetrias nas relações de gênero. Nesse contexto, justifica-se a necessidade de incluir, de forma contínua e sistemática, e discutir cada vez mais nos espaços educacionais, as temáticas sexualidade, gênero, feminismos e feminilidades, visando problematizar e desconstruir preconceitos, violências e essencialismos produzidos culturalmente, marcando as vivências de (jovens) mulheres,

³ Disponível em: <http://www.mpce.mp.br/2020/02/19/mpce-promove-audiencia-publica-sobre-criacao-de-abrigo-para-mulheres-vitimas-de-violencia-no-cariri>.

sobretudo no espaço escolar. A escola configura-se como o espaço de encontro das diferenças, porém, é um dos ambientes que mais dissemina preconceitos, de forma sutil, disfarçado através de “piadinhas” e/ou “brincadeiras” pejorativas, e/ou manifestos por meio de atitudes que inferiorizam as mulheres e reforçam assimetrias nas relações de poder.

Desse modo, faz-se necessário problematizar e disseminar (in)formações nos espaços educativos sobre feminismos e feminilidades juvenis, para discutir sobre o machismo e demais preconceitos, visando desconstruir desigualdades de gênero. Nessa direção, destacamos a questão norteadora da pesquisa: *De que modos os feminismos e as feminilidades são (des)construídas/discutidas no contexto escolar?* Ademais, apresentamos o seguinte objetivo geral: Analisar discursos sobre feminismos e feminilidades juvenis no contexto escolar do Cariri cearense a partir da problematização de artefatos culturais.

Feminismos, feminilidades e juventudes na escola: Um olhar de gênero a partir dos estudos culturais pós-estruturalistas

A partir dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais Pós-Estruturalistas com aporte nas teorizações foucaultianas, este trabalho adota como um dos principais pressupostos questionar os processos de construção de identidades/diferenças. Nessa perspectiva, buscamos desenvolver um olhar investigativo que permita o exercício de problematizar a linguagem e as práticas sexistas, desnaturalizando “verdades absolutas” e atribuindo novos significados às múltiplas formas de tornar-se menina/jovem/mulher, a partir da articulação com os estudos feministas e as feminilidades no contexto escolar. Os estudos culturais, como um campo transdisciplinar, nos proporcionam entender fenômenos e relações que constituem as múltiplas identidades, inter-relacionando objetos de estudos aos diversos componentes curriculares, levando em consideração os conhecimentos socioculturais (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003).

Os estudos culturais, aliados às teorias foucaultianas, constituem espaços de contestação de discursos que abarcam as lutas contra desigualdades sociais e de gênero, confrontando as relações de poder-saber. Para Foucault (1996), as concepções que sustentam a seleção dos conhecimentos que compõem o currículo são estruturadas em um campo de ação para “governar sujeitos”. A teoria pós-estruturalista, na perspectiva

de Foucault, pode ser marcada então como uma noção de “*campo de luta*”, utilizada nas análises curriculares que problematizam as relações de poder, além dos binarismos homem/mulher, branco/negro, heterossexual/homossexual, que constituem a relação entre “dominadores e dominados”. Nessa perspectiva, impulsiona problematizações no ambiente escolar, instigando desconstruir e/ou produzir novos arranjos e significados nas relações de poder (MARIANO, 2005).

Aqui faremos uma abordagem teórica sobre os conceitos centrais, dentre os quais destacamos: gênero, feminismo, machismo, buscando articular aos feminismos, feminilidades no contexto escolar. Cabe iniciar problematizando a palavra “feminista”, pois, ainda tem um peso “negativo” na sociedade, posto ter sido construída uma imagem distorcida do feminismo, como se significando que as mulheres almejavam ter mais direitos que os homens, ou seja, assumir a posição de “superioridade”, que feministas seriam mulheres “mal-amadas” e/ou que “odeiam os homens”. Para Margareth Rago (1996) essa ideia equivocada que associou o feminismo a mulheres “infelizes”, “frustradas”, “incapazes de serem sexo forte” se arrastou por muito tempo na sociedade na tentativa de manter intacta uma construção patriarcal, misógina e machista.

Outro fato comum é as pessoas associarem o feminismo como oposto do machismo, porém, cabe destacar que são movimentos bem distintos. O machismo engloba atitudes e expressões que desrespeitam e tentam inferiorizar as mulheres, enquanto o feminismo, de modo resumido, constitui um movimento social que luta pela igualdade de direitos entre os sexos (ROSA; FELIPE; LEGUIÇA, 2019). Contudo, numa perspectiva pós-estruturalista, destacamos a pluralidade do feminismo, posto que abrange distintas vertentes, constituindo-se como um movimento social que têm em comum a defesa da equidade entre homens e mulheres, lutando assim pelo reconhecimento das diversas possibilidades de vivenciar a sexualidade e o gênero.

O conceito de gênero engloba múltiplas expressões de corpo e representações de masculinidades e feminilidades, que excedem os limites do sexo biológico e a noção de “papéis sexuais”. Gênero pode ser compreendido como uma construção sociocultural em nossa constituição como homens e mulheres, englobando processos educativos que operam por meio de, ou se apoiam em, distintas instituições e práticas socioculturais, não necessariamente convergentes, harmoniosas e estáveis. Consiste em um processo mutável e inacabado passível de transformação ao longo da vida do sujeito (MEYER, 2013; NICHOLSON; 2000; SCOTT, 1995).

O feminismo, de modo geral, pode ser entendido como um movimento que reivindica os direitos sociais e políticos das mulheres e surgiu com a intenção de romper o patriarcado (OLIVEIRA; CASSAB, 2012; SILVA, 2008). Por outro lado, o machismo consiste em enfatizar o exagero de uma masculinidade hegemônica e a crença na superioridade dos homens como fenômeno natural caracterizado pelo uso da violência, acreditando que as mulheres são propriedades e passivas.

É importante também destacar algumas diferenças nos processos de construção e entendimento de masculinidades e feminilidades, posto que embora constituam a dimensão de gênero, abrangem distinções produzidas na e pela cultura. Embora não exista uma única definição para feminilidades, razão pela qual escrevemos a palavra no plural, neste estudo, assumimos essa categoria como as múltiplas formas de “tornar-se mulher”, abrangendo distintas identidades/diferenças, dimensões e marcadores sociais além de gênero, por exemplo sexualidade, raça/etnia, classe, geração... Em consonância Dornelles (2007) aponta que masculinidades também pressupõem formas plurais de “tornar-se homem”, envolvendo distintas dimensões, instituições sociais, comportamentos, emoções, produzidos nas relações sociais na e pela cultura, logo, não são polos fixos, nem imutáveis, mas, provisórios e passíveis de transformações.

Assim, é importante reconhecer a escola como um espaço acolhedor para a diversidade humana, por meio de problematizações que levem a desconstruir preconceitos, travando uma luta diária na busca por igualdade tanto na sala de aula quanto além dos muros da escola (ROSSI; BABINSKI, 2020). Para tanto, as escolas deveriam desenvolver estratégias didáticas, metodológicas e dinâmicas que promovam mudanças sociais significativas, visando desconstruir práticas sexistas, misóginas, machistas que enaltecem desigualdades de gênero, para possibilitar uma educação plural e democrática.

Modos de fazer a pesquisa de campo

Este estudo se baseia em uma pesquisa qualitativa realizada em três escolas da educação básica de ensino de um município cearense, envolvendo narrativas de jovens/mulheres/estudantes acerca dos feminismos e feminilidades no contexto escolar. Os procedimentos investigativos envolveram entrevistas coletivas com estudantes/jovens/mulheres do Ensino Médio. Adotamos o uso das entrevistas semiestruturadas para melhor compreender as narrativas, discursos e concepções das

participantes sobre os feminismos e feminilidades no contexto escolar. De acordo com Ribeiro e Ávila (2013, p. 72), narrativas podem ser entendidas “como práticas sociais que constituem os sujeitos”, os relatos das histórias refletindo os modos de construção de si mesmos.

Tendo como metodologia a investigação narrativa e como ferramenta a produção de entrevista coletiva (em grupo), vale ressaltar, que a entrevista coletiva foi feita de forma virtual por meio de uma plataforma digital utilizando o Google Meet, devido ao cenário atual ocasionado pela pandemia da COVID-19, que pressupõe o distanciamento social como protocolo de segurança e saúde pública. De acordo com Flick (2009), a técnica de entrevista *on-line* é uma forma de adaptação das entrevistas convencionais, podendo ser organizada de forma "síncrona" ou "assíncrona". No caso desse trabalho, foram realizadas de forma "síncrona", ou seja, *on-line* em tempo real e coletiva.

Nessa perspectiva, as entrevistas coletivas facilitam as interações entre os/as participantes e permitem capturar um leque de enunciados e práticas discursivas. Embora possa haver múltiplas respostas e opiniões distintas, nosso foco principal consiste em observar divergências e convergências acerca das narrativas e vivências estudantis a respeito dos feminismos e feminilidades no contexto escolar. Dessa forma, foi realizado um encontro via *Google Meet* com duração aproximadamente de duas horas e meia. Vale ressaltar, que nossa conversa foi gravada e posteriormente transcrita, tendo sido antes feitos os combinados com o grupo tais como: a importância da participação de todas, os acordos para falar uma de cada vez, respeitar o momento de fala da colega, para melhor organização e condução da entrevista coletiva. Em seguida, foi iniciada a entrevista coletiva semiestruturada com base nas perguntas gerais sobre a temática gênero, feminismos, machismo, feminilidades e masculinidades no contexto escolar.

Como procedimento analítico, adotamos a análise foucaultiana do discurso para problematizar de que modos os feminismos e as feminilidades são (des)construídas/discutidas no contexto escolar e quais discursos são (re)produzidos nos espaços educacionais. Foucault (1996, p.135) enfatiza: “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva.” Vale ressaltar que os enunciados, nesse sentido, não são só “coisas”, mas também os próprios acontecimentos. Dessa forma, a análise do enunciado instiga um olhar investigativo e dialogado, para pensar as condições de existências e problematizar a materialidade e os

efeitos de verdades que compõem os discursos produzidos por meio de vivências do cotidiano (SILVEIRA, 2007).

O público-alvo da pesquisa envolveu 13 discentes do gênero feminino de escolas variadas, com a finalidade de analisar discursos acerca de feminismos e feminilidades no ensino básico de escolas públicas do ensino médio. No quadro a seguir, apresentamos o perfil sociodemográfico das participantes da pesquisa com seus respectivos nomes fictícios, utilizados para assegurar o sigilo sobre toda e qualquer informação, destacando as identidades sexuais e de gênero, faixa etária, religião.

Quadro 1- Perfil das Participantes das entrevistas coletivas

NOME	IDENTIDADE DE GÊNERO	IDENTIDADE SEXUAL	IDADE	RELIGIÃO
Melissa	Feminino	Heterossexual	17 anos	Católica
Amanda	Feminino	Heterossexual	17 anos	Católica
Isabela	Feminino	Heterossexual	17 anos	Católica
Laura	Feminino	Heterossexual	17 anos	Católica
Kely	Feminino	Heterossexual	18 anos	Evangélica
Alice	Feminino	Heterossexual	17 anos	Católica
Luna	Feminino	Heterossexual	17 anos	Católica
Manuela	Feminino	Heterossexual	18 anos	Evangélica
Pérola	Feminino	Heterossexual	17 anos	Evangélica
Eva	Feminino	Heterossexual	17 anos	Católica
Ana	Feminino	Heterossexual	18 anos	Católica
Bianca	Feminino	Heterossexual	17 anos	Católica
Lorena	Feminino	Bissexual	18 anos	Ateia

Fonte: Entrevista coletiva realizada pelas Pesquisadoras

O grupo foi composto por alunas de três escolas: uma escola profissional que funciona em tempo integral, uma do ensino regular e, outra do (EJA) Educação Jovens e adultos, todas ofertam o ensino médio, mas, com modalidades diferentes. A pesquisa foi realizada em três escolas devido à disponibilidade de participação das estudantes e por abranger diferentes contextos socioeducacionais, o que possibilitou capturar múltiplos enunciados e seus significados, visando problematizar as convergências e divergências nas narrativas estudantis. Isto é, aproximando-se ou distanciando-se do nosso objeto de estudo, por meio dos ditos ou não ditos que condicionam a produção de “verdades” pelas lentes dos olhares juvenis.

Vale ressaltar que os procedimentos éticos percorreram todo o percurso da pesquisa, desde a escolha do objeto de estudo até a elaboração e organização da pesquisa. Para todas as participantes e cada um/a assinou o Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentamento Livre e Esclarecido (TALE) concordando com a participação voluntária na pesquisa.

“Gênero não se limita aos órgãos genitais”: problematizações iniciais

No decorrer da pesquisa investigamos enunciados que constituem materialidades repetíveis ou raras sobre feminismos e feminilidades no contexto escolar. A partir das falas das participantes, evidenciamos a carência em discutir essa temática nos espaços escolares, devido ao sistema patriarcal que prevalece enraizado na sociedade e como consequência perpetua as desigualdades de gênero e submissão das mulheres em distintas esferas socioeducacionais. Quando questionadas sobre o entendimento de gênero, podemos destacar dois principais enunciados discursivos marcantes nas falas das discentes: a questão da “*escolha*”, representando a materialidade repetível do enunciado, reafirmando as normas, e “*ir além das normas, padrões*”, equivalente a raridade discursiva, que sinaliza romper as normas que regulam os padrões heteronormativos e/ou estereótipos de gêneros.

Quadro 2 – 1º Encontro das entrevistas coletivas com as estudantes

1) O que você entende por: a) gênero?
Alice: <i>Gênero é como você se identifica na sociedade [...], eu acho a questão do gênero assim, bem complicada, principalmente no nosso contexto atual.</i>
Bianca: <i>Gênero pra mim, pode ser um grupo social, como se identifica no meio da sociedade. Pode ser um grupo que tenha coisas parecidas, ou não. Pra mim, é isso!</i>
Isabela: <i>O gênero não se limita aos órgãos genitais.</i>
Pérola: <i>Eu entendo gênero como ir além das normas, dos padrões, como hetero, por exemplo, ir além disso; não haver só homens e mulheres, é algo muito além [...].</i>
Lorena: [...], Mas, muitas vezes, a <i>pessoa pode nascer homem, mas, ter características de mulher, psicológica talvez [...]</i> é algo que <i>a pessoa mesmo que tem que decidir, se ela é ou não mulher, ou então homem.</i> Gênero é mais ou menos isso [...], Mas, mesmo que elas não mudem, pra mim, <i>elas podem se identificar com tal gênero, mesmo tendo órgãos genitais diferentes</i> que não corresponde, entende!
Laura: [...] <i>o gênero tem a ver com suas “escolhas” [...]</i> Eu acho, que <i>cada um escolhe o que quer ser, cada um tem sua escolha, não é algo padrão.</i>
Kely: [...] <i>não é, ah! Porque a pessoa nasceu homem ou nasceu mulher que eles vão ser homem ou mulher. A gente quem escolhe o sexo da gente quando a gente cresce, quando a gente pensa bem na vida.</i>

Fonte: Pesquisadoras, entrevista- 04/09/2020.

Destacamos a regularidade e a raridade discursiva que se repetem de distintas formas nos enunciados das participantes, representando continuidades e descontinuidades que abrangem convergências e/ou divergências acerca do entendimento do conceito de gênero, restringindo a padrões hegemônicos e/ou (não) reconhecimento das múltiplas identidades, masculinidades e feminilidades. Desse modo, as falas das participantes Isabela e Pérola representam a raridade discursiva,

quando enunciam que gênero: “*não se limita aos órgãos sexuais*”; “*como ir além das normas, dos padrões*” visto que tais enunciados sinalizam uma possibilidade de desconstrução das normas que regulam as relações de poder-saber que constituem os processos de subjetivação.

Michel Foucault nos instiga a questionar as normas que regulam os comportamentos das pessoas que não se encaixam nos protótipos dos grupos dominantes. Tais normatizações excluem e inferiorizam os sujeitos através de vigilância e punições por meio das relações de poder-saber. Os argumentos do autor sobre discurso sinalizam normas de gênero (embora não tenha nomeado tal conceito), principalmente quando mencionam as distinções entre o masculino e o feminino ao longo do tempo, que assujeitam e governam os sujeitos por meio de normas e práticas disciplinares, pois o “poder estar em toda parte” e opera de diferentes modos, nos assujeitando através de dominações, controle e resistências. Em sua obra *História da Sexualidade I*, Foucault alega que os sujeitos se constituem dentro das normas e relações sociais e institucionais, os processos de subjetivação acontecendo através das relações de poder produzidas por meio de normas e práticas discursivas que reforçam padrões hegemônicos em torno de masculinidades e feminilidades (FOUCAULT, 2015).

Os ditos das discentes Alice e Bianca podem ser compreendidos a partir de uma certa regularidade discursiva, embora sinalizem uma dimensão sociocultural quando apontam que gênero é “*como se identifica na sociedade*”, de diferentes formas. Esse enunciado costuma ser repetido, visto que as identidades se constituem a partir de relações plurais ao longo da vida, logo, não são estáveis e fixas, mas, passíveis de mudanças. De acordo com Meyer (2013), gênero pode ser entendido como uma categoria que problematiza as diferenças entre homens e mulheres, pois, engloba um processo mutável, contínuo e inacabado, construído ao longo da vida do sujeito, a partir das relações sociais e culturais. No entanto, vale ressaltar que existem múltiplas formas de expressar feminilidades e masculinidades, posto que nascemos e vivemos em tempos, circunstâncias e ambientes socioculturais peculiares.

Por outro lado, quando a participante Alice destaca: “*eu acho a questão do gênero assim, bem complicada*”, esse enunciado indicaria um certo receio de interferir nos valores religiosos e/ou tradicionais da família. Nesse sentido, é sinalizado que as temáticas de gênero são marcadas por relações de poder e ainda se mantém distantes das

abordagens escolares. Tal fato fica evidente na reação de estranhamento das participantes quando foram contatadas para participar da pesquisa com abordagens socioculturais ultrapassando aspectos biológicos, preventivos e reprodutivos. Essa ausência das questões de gênero e sexualidade em uma dimensão sociocultural nos currículos escolares e acadêmicos talvez seja reflexo da “família tradicional”, patriarcal e heteronormativa, que muitas vezes se opõe contra as abordagens dessa temática, numa tentativa de manutenção do conservadorismo e fundamentalismo religioso (NASCIMENTO, 2011).

Em contraponto, as falas das discentes Laura, Lorena e Kely convergem ao destacarem nos enunciados sobre o conceito de gênero, os termos “decidir”, “escolher”, sinalizando uma construção subjetiva e socioculturalmente, embasada em discurso *religioso-fundamentalista*, denotando desconhecimento e uma visão restritiva das identidades sexuais e de gênero, posto que as identidades não dependem de uma simples “escolha” como se fosse uma roupa que você escolhe vestir ou não, elas são construídas socioculturalmente. Como argumenta Louro (2017, p.112), “não escolhemos um gênero como quem escolhe uma roupa num armário”. Então, torna-se necessário desconstruir as regras e (re)criar possibilidades para pensar nas identidades/diferenças como construções subjetivas e socioculturais de masculinidades e feminilidades.

Desdobramentos de gênero acerca das feminilidades e masculinidades

Muitas discentes ainda não reconhecem as dimensões de gênero, especificamente, feminismos e feminilidades no contexto escolar, pois, quando questionadas sobre tais conceitos as participantes demonstraram um certo desconhecimento e estranheza acerca do assunto. Esses enunciados abrangem palavras/expressões convergentes e/ou divergentes, dessa forma, apresentamos a seguir a continuação da análise do discurso das entrevistas, com ênfase nos enunciados capturados por meio das falas das discentes acerca do entendimento sobre feminilidades e masculinidades.

Quadro 3 – 1º Encontro das entrevistas coletivas com as estudantes

1) O que você entende por:

b) feminilidades?

Isabela: eu particularmente *não entendo nada*.

Melissa: eu *nunca ouvir falar em feminilidades*. [...] acho que *minha feminilidade não é vivida nos padrões* [...] *não era pra ter um padrão* assim, de feminilidade...

Alice: *é algo que a gente aprende desde que a gente nasce*. Os pais da gente quando sabem que vai ser uma menina, eles *constroem algo na cabeça deles, aí vão ensinando a criança a se tornar daquele jeito*, comprando bonecas, como deve se comportar, arrumar, que tem que estar bonitinha sempre...

Bianca: *Feminilidades vai muito pela a atitude feminina [...] algo que se impõe desde cedo, características próprias do feminino.*

Lorena: *É características das mulheres [...] O povo tenta rotular essa questão quando uma mulher está de cabelo curto ou vestem roupas mais masculinas, todo mundo acha que ela é sapatona. Mas, ela pode ser hetero e mesmo assim, ter essas características mais masculinas. Não tem nada a ver a maneira como a pessoa se veste ou a maneira como a pessoa se comporta [...]*

Laura: *É como se as pessoas colocassem um padrão pra gente seguir [...] meninas tem que usar rosa, sempre usar “roupas de menina” saia, vestido...*

Luna: *[...] mulher tem que ter as pernonas, mulher tem que ter a bundona, tem que ter unha pintada, tem que ter cabelão.... Não! não! não[...] eu gosto muito de andar de tênis, blusa bem larga, você pode me vê de vários estilos... Mulher tem que usar salto, sapatinha, isso e aquilo, e eu NÃO! Eu uso o que eu quero, como eu quero, posso?*

c) masculinidades?

Alice: *É o famoso hetero, o cara que vai ser o macho [...] quando os pais sabem que vai nascer uma menina é a mesma coisa quando vai nascer um menino, quando vai crescendo, vai se construindo algo ali dentro dele o jeito homem de ser, eu acho que é imposto.*

Luna: *Os pais vão ensinado aos filhos como deve ser um homem né? [...] tem que jogar bola, tem que ser masculino, ser “macho”, ir pra academia, fazer esporte na escola, tem que ser aquele “macho” [...]*

Lorena: *Homem não pode gostar de rosa, não pode gostar de maquiagem, não pode chorar.*

Isabela: *Acredito que “Macho Alfa” quando eu penso em masculinidade já vem na minha cabeça isso, por que é o que a sociedade diz, de certa forma coloca entendeu! [...] O homem que não é tão delicado, é mais bruto, que não se comporta de uma forma mais sensível, não pode chorar tem que seguir aquele padrão que a sociedade impõe que tem que ser.*

Alice *É o que é dito pro homem ser e o que ele deve fazer[...] Homem não pode fazer nada dentro de casa, aí eles vão construindo um pensamento só que é mulher, e aí quando eles não têm mais a mãe eles vão buscar isso na namorada, na esposa e dentro de casa eles querem ser tratados como príncipes ganhando tudo na mão, enfim.*

Fonte: Pesquisadoras, entrevista- 04/09/2020.

As falas das participantes apresentam visões plurais marcadas por (des)conhecimentos, normatizações e representações estereotipadas de gênero, ficando evidentes quando destacam termos como: “entendo nada”, “aprende”, “construção”, “impõe”, “padrão”, “rótulos”. Assim, agrupamos as falas das participantes de acordo com enunciados convergentes e divergentes acerca do conceito de feminilidades.

Os ditos das participantes Isabela e Melissa convergem quando enunciam “*Eu não entendo nada*”; “*nunca ouvi falar*”, demonstrando desconhecimento da pluralidade de formas de “tornar-se mulher”, pois as dimensões de gênero costumam estar cercadas por discursos fundamentalistas, essencialistas e hegemônicos que disseminam preconceitos e (re)produzem ignorâncias. Para Britzman (1996), as identidades estão vulneráveis a exclusões, pois, são (re)produzidas por um discurso no qual a ignorância circula como conhecimento. Segundo a autora, a ignorância não é a ausência de conhecimento, mas, “efeito” de um conhecimento que circula como “regime de verdades”.

Quando Melissa salienta que “*minha feminilidade não é vivida nos padrões*”, esse enunciado apresenta uma raridade discursiva, visto que as normas regulatórias

impulsionam as pessoas a buscarem, a todo custo, se encaixarem nos padrões normativos, que por muito tempo foram, e ainda são, impostos às mulheres. Principalmente, a partir de uma ideia deturpada de que as feminilidades estão diretamente associadas a se encaixar nos padrões estereotipados de beleza. Essa ideia equivocada, que influencia a mente feminina, é mantida por uma sociedade patriarcal que hierarquiza as representações de gênero nutrindo a “dominação masculina” e as relações de poder que inferiorizam o feminino (MAIA, 2020).

Ademais, a participante se coloca em uma posição contrária ao que prega a norma quando destaca que: “*não era pra ter um padrão de feminilidade*”, apontando novos olhares, sinalizando uma desconstrução dos padrões normatizadores de gênero, nos instigando a questionar as normas regulatórias. De que modos vivemos nossas feminilidades e masculinidades? Afinal o que é “ser homem” e “ser mulher” na contemporaneidade? Como são construídas as feminilidades e masculinidades no contexto socioeducacional? Não pretendemos encontrar respostas imediatas para tais perguntas, mas, convidamos-lhe a (re)pensar sobre os “ditos” (ou não ditos) e as “coisas naturalizadas”, incitando olhares que desnaturalizem discursos machistas e misóginos e instiguem pensar de outras formas.

De acordo com Louro (2008, p. 18), “ser homem e ser mulher” constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura”. No entanto, a autora ressalta que a escola é um dos lugares mais cruéis de vivências das masculinidades e feminilidades, pois, a todo tempo, o sujeito está exposto à vigilância e às “pedagogias corretivas”, manifestas muitas por vezes por imposições quanto a maneira de vestir, andar, sentar. Ao destoar do que é tido como padrão, jovens e crianças sofrem punições, exclusão e, conseqüentemente, à evasão escolar (LOURO, 2017).

Os ditos de Alice, Bianca e Laura, respectivamente, quando enunciam que “feminilidade é algo que a gente aprende desde que a gente nasce”; “algo que se impõe desde cedo, características próprias do feminino”; “é como se as pessoas colocassem um padrão pra gente seguir”, são convergentes e demonstram que desde a infância somos assujeitadas a um padrão normativo que regula e impõe modos de masculinidades e feminilidades estabelecidos por um sistema patriarcal, como tentativa de manter a dominação masculina e a subordinação feminina, reproduzindo

desigualdades de gênero.⁴ De fato, as feminilidades ainda estão fortemente associadas à submissão da mulher, pois desde a infância as mulheres são incentivadas a desenvolver atividades privadas como cuidar do lar, da família e exercer a maternidade.

Quando Luna critica que “*mulher tem que ter as pernonas, mulher tem que ter a bundona, tem que ter unha pintada, tem que ter cabelão, Não!*”, esse enunciado leia-se a dita “mulher brasileira” que é estampada na mídia, nos anúncios televisivos e propagandas, ensinando a “mulher ideal” e a beleza a serem alcançadas. Impondo um “eu” inatingível que na maioria das vezes causa impacto negativo, provocando frustrações, distúrbios e depressões na vida de muitas mulheres por não alcançarem a desejada “perfeição”. Tal padrão estético seria a expressão de um corpo magro e jovem, sem rugas, acne, celulite, gordura, associado a um rosto com traços finos, suavemente maquiado, com cabelos bem arrumados, constituindo assim um corpo sexualizado (FIGUEIRA, 2013; FELIPE, 2013; SILVA, et al. 2017).

Ainda sobre as dimensões de gênero, quando as participantes foram questionadas sobre o conceito de masculinidades, destacaram uma heterogeneidade de enunciados discursivos como “*famoso hetero*”, “*macho alfa*”, “*ser macho*”, “*não chora*”, “*não pode gostar de rosa*”, “*é mais bruto*”, evidenciando representações da masculinidade tóxica que molda e assujeita de forma sutil e naturalizada o processo de construção da identidade masculina ao longo da vida, afetando de forma negativa não só a mulher, mas também, o próprio homem (PAULA; ROCHA, 2019).

Nessa perspectiva, quando Alice enuncia “*é o famoso hetero, o cara que vai ser o macho*”, ressalta a heteronormatividade como norma/padrão e a manutenção desse processo é vigiado, pois, a todo tempo na sociedade é cobrada a tal virilidade masculina como forma do homem provar sua masculinidade (ALMEIDA, 1996). A participante ainda acrescenta que “*quando vai nascer um menino, vai se construindo algo ali dentro dele, o jeito homem de ser [...]*”, convergindo com a fala de Luna quando complementa que “os pais vão *ensinando aos filhos como deve ser um homem né?*” Tais enunciados evidenciam que se costuma perpetuar o modelo de masculinidade hegemônica, estabelecido por uma sociedade patriarcal que naturaliza o machismo e misoginia. Louro (2017) destaca que ao descrever e/ou nomear que um recém-nascido é “menina” ou “menino” está sendo predeterminado a seguir uma norma regulatória, um padrão

⁴ Michelli (2009) argumenta que nas representações sociais de gênero nos contos de Grim, por exemplo, a mulher era retratada como uma figura submissa, obediente, recatada, bondosa, ao passo que o homem era representado por meio de uma figura de força, de ação e do intelecto.

hegemônico cis gênero e heterossexual. Entretanto, as masculinidades e feminilidades constituem identidades (des)construídas através das experiências socioculturais, abrangendo distintos marcadores sociais como raça/etnia, gênero, sexualidade, classe social e demais identidades sociais (NASCIMENTO, 2014; SCOTT, 1995).

As falas das participantes Isabela e Alice são convergentes, pois ambas associam o conceito de masculinidade com “dominação masculina”, conforme é marcado no enunciado de Isabela ao destacar o termo “*Macho alfa*”. Essa expressão é utilizada para designar homens que possuem características “masculinas exageradas”, fortalecendo uma identidade cristalizada e “doentia”, que possivelmente culminará em masculinidade tóxica. Nessa linha de raciocínio, a participante complementa que: “*o homem que não é tão delicado, é mais bruto, que não se comporta de uma forma mais sensível, não pode chorar, tem que seguir aquele padrão que a sociedade impõe*”, leia-se a masculinidade tóxica. Esta se manifesta por meio da agressividade, competitividade, liderança, dominação, violência, e atitudes que reafirmam um padrão estereotipado de masculinidade, mesmo que isso ocasione o sofrimento em alguém para provar que é “macho dominador”, negando-lhe suas emoções, seus sentimentos, sua própria identidade para reafirmar sua suposta “dominação masculina”. A masculinidade tóxica pode ser caracterizada por meio de comportamentos exagerados, privilegiando a superioridade masculina e, conseqüentemente, a subordinação feminina (PAULA; ROCHA, 2019; ROSOSTOLATO, 2019).

Nesse sentido, Pierre Bourdieu (2003) ressalta que o conceito de “dominação” é utilizado para problematizar as relações de gênero. Para o autor, a dominação se manifesta de forma velada, através de atitudes e práticas naturalizadas que passam despercebidas, como por exemplo, dependência financeira e violência emocional, frutos de uma hierarquia de gênero e estruturas de dominação. Torna-se, pois, necessário desconstruir essa naturalização dos “papeis de gênero” que favorece posições desiguais para homens e mulheres, destacando a necessidade de reconhecimento da pluralidade de feminilidades e masculinidades, principalmente no ambiente escolar.

Feminismos versus machismo: problematizando pré-conceitos

No decorrer da pesquisa, notamos uma confusão acerca dos conceitos de feminismo e machismo. Mas as discentes evidenciaram as representações das desigualdades de gênero e a presença marcante de um conservadorismo das famílias

tradicionais, além de múltiplos enunciados, sinalizando uma heterogeneidade discursiva. Agrupamos as falas das participantes de acordo com enunciados convergentes e divergentes acerca dos conceitos de feminismos e machismo.

Quadro 4 – 1º Encontro das entrevistas coletivas com as estudantes

O que você entende por:

d) Feminismos

Isabela: *Feminismo é uma luta por causa, espaço na sociedade[...] O feminismo vem pra buscar igualdade, igualar os gêneros. [...] Algumas empresas deixam de contratar as mulheres por que elas engravidam e eles tem que pagar o salário maternidade, e contratam apenas homem que não tem esses “problemas” [...] O feminismo vem para igualar essa questão do gênero.*

Pérola: *Feminismo é uma luta pela igualdade onde as mulheres lutaram e conquistaram direito ao voto e desde lá continuaram lutando e poderão notar que essa união delas faz elas alcançarem seus objetivos. Apesar do feminismo existir muitos objetivos ainda não foram alcançados né? Esse ano quando a gente ia inicia o estágio obrigatório da escola o nosso professor de estágio falou que algumas empresas só aceitavam homens e outras empresas só aceitava mulheres devido alguns problemas que já haviam ocorrido antes, tais problemas como assédio entre outros.*

Luna: [...] *já conseguimos muita coisa, um exemplo foi uma mulher presidenta, vamos continuar trabalhando para conseguir muito mais, quem diria ou pelo menos imaginassem que um dia teríamos uma presidenta mulher no Brasil? [...] muitas mulheres pensam que a gente é assediada por que quer, mas, não, ninguém quer ser assediada, se sentir invadida, a gente quer se sentir livre, a gente quer poder andar com a roupa que a gente quer, sem as pessoas olhando. Acho que uma das coisas do feminismo que temos que lutar é a questão do respeito, todas as mulheres querem serem respeitadas[...]*

Lorena: [...] *tem um preconceito muito grande com a mulher no trabalho, pelo fato de quem cuida dos filhos é a mulher, geralmente na entrevista de emprego, perguntam se a mulher tem filhos. E quase sempre não perguntam aos homens, como se os homens não tivessem que exercer o seu papel de pai.*

e) Machismo?

Lorena: *Pra mim, o machismo é quando as pessoas enxergam as mulheres como um ser inferior aos homens[...], é o homem não aceitar que a mulher pode ser o que quiser [...] eles sempre estarão à frente em relação ao conhecimento muitas vezes quando as mulheres falam de um assunto que os homens não entendem, eles começam a debochar delas por que eles vão querer que ela se sinta inferior, por que ele não se sente bem, não aceita que uma mulher seja mais inteligente que eles, só por que é mulher[...] as pessoas sempre tiveram medo das mulheres, desde a época que existiu as “bruxas” mulheres que sabiam trabalhar com ervas curar algumas doenças, quando encontravam mulher assim mandavam matar né?*

Luna: *Tipo como se as mulheres fossem algo “frágil” [...] o homem não aceitar o fato de as mulheres fazerem várias “coisas de homem” [...] as mulheres alcançar cargos maiores que eles isso não podem acontecer, a mulher ter a obrigação de ser dona de casa, a mulher está sempre abaixo dos homens.*

Alice: *Esses homens machistas tem esse sentimento de superioridade, e não podemos esquecer os pontos mais triste que o machismo traz, o machismo é enraizado desde que o mundo é mundo. O machismo tem sangue de milhares e milhares de mulheres, isso é uma realidade bem triste, a mulher não pode sair na rua sozinha por que ela pode ser assediada em qualquer esquina, não é uma escolha sua, mas acontece infelizmente[...]. Os homens ainda não entenderam, e estão longe de entender. [...] não vai ser fácil limpar essa história suja enraizada.*

Fonte: Pesquisadoras, entrevista- 04/09/2020.

Quando questionadas sobre feminismo os ditos de Isabela e Pérola convergem quando destacam os termos “luta”, “igualdade”, “conquista”, aproximando um entendimento do feminismo para uma luta que busca igualdade de gênero. Vislumbrando desconstruções, pois, no nosso cotidiano, corriqueiramente o feminismo costuma ser confundido com machismo, quando se sabe que tais conceitos apresentam significados distintos, posto que o feminismo constitui uma luta social das mulheres

pela busca de direitos sociais, igualdade, equidades! Por outro lado, o machismo constitui relações de desigualdades que oprimem e subalternam as mulheres, colocando os homens em posições de superioridade e privilegiadas.

O feminismo questiona as posições desiguais nos espaços sociais, que estão presentes de forma velada na sociedade. Essas desigualdades de gênero podem ser representadas de diferentes formas; na fala da participante Isabela, por exemplo, é enfatizada a questão do trabalho: *“Algumas empresas deixam de contratar as mulheres por que elas engravidam” [...] contratam apenas homem que não tem esses “problemas”*. Esse discurso indica uma representação biologizante, associando a mulher a aspectos reprodutivos e designada à maternidade e ao ambiente familiar, espaço no qual os valores morais e patriarcais são predeterminados. Uma vez que a gravidez é tida como sinônimo de problema, constituindo um dos principais empecilhos para ocupar espaços sociais, coloca as mulheres em posições desprivilegiadas em relação ao mercado de trabalho, associando a imagem da mulher ao “ambiente privado” (AMÂNCIO, 1998).

Os ditos de Pérola convergem com a participante Luna, pois ambas relacionam feminismos com as questões de assédio. Pérola destaca que: *“o nosso professor de estágio falou que algumas empresas só aceitavam homens e outras empresas só aceitavam mulheres devido alguns problemas, como assédio”*. Esse enunciado chama atenção para as desigualdades de gênero presentes no mercado de trabalho, apontando para uma das maiores dificuldades vivenciadas por muitas mulheres em relação à questão do assédio, uma prática machista “comum” no nosso cotidiano. Nesse contexto, o “[...] assédio compreende uma forma de violência que se caracteriza pela manifestação duradoura e repetitiva de atitudes e situações constrangedoras e humilhantes” (SOMMER, 2018, p. 35). Já Quando Luna destaca que: *“ninguém quer ser assediada, se sentir invadida, a gente quer se sentir livre [...] Acho que uma das coisas do feminismo que temos que lutar é a questão do respeito”*, ela nos remete ao feminismo como combate contra o assédio, além de salientar o repúdio das mulheres em relação a tal prática.

Outro fator que se destacou durante as entrevistas foi a questão da mulher na política, quando a participante enfatiza *“Já conseguimos muitas coisas, um exemplo, foi uma mulher presidenta”*. A partir desse enunciado, podemos pontuar dois aspectos importantes em relação ao avanço do feminismo: o primeiro, sobre a inserção da mulher

na política, representando os avanços e a contribuição do feminismo liberal, caracterizado pela igualdade entre capacidades racionais entre mulheres e homens. Para as feministas liberais, a racionalidade é característica fundamental para autonomia moral e política. Assim, a inclusão da mulher na vida pública constitui um avanço em direção a igualdade e equidade de gênero (MCLAREN, 2016).

O segundo aspecto é a mulher ocupando cargo de chefia, apontando uma desconstrução do fenômeno conhecido como “teto de vidro”, caracterizado pela lentidão da ascensão na carreira, ou pela dificuldade em assumir cargos de chefia nas altas esferas de poder, tanto empresarial, quanto governamental, além do não reconhecimento, prestígio e remuneração. De acordo com Steil (1997), o teto de vidro se apresenta como uma barreira transparente que, se manifestando de forma sutil, impossibilita o progresso da mulher. Assim, inserir as temáticas de gênero, feminismos e feminilidades nos currículos escolares torna-se crucial para as mulheres compreenderem que podem ser protagonistas e lutar por seus direitos, assumir cargos de gestão/chefia, crescer profissionalmente, contribuindo para um mundo mais filógeno, sendo possível mudar os rumos para a construção de uma nova história.

Quando Lorena critica: “*eles sempre estarão à frente em relação ao conhecimento*”, esse enunciado compõe discursos essencialistas e/ou fundamentalistas marcados por um conservadorismo patriarcal que privilegia o homem e subordina a mulher. No campo científico, também não foi diferente, um exemplo é que normalmente quando ouvimos a palavra “cientista”, as pessoas costumam associar logo a imagem do homem vestido de jaleco em um laboratório. E por que não se relaciona a figura de cientista às mulheres? Chassot (2004), no texto “A ciência é masculina? é! sim senhora!”, nos inquieta quando questiona: “Por que a Ciência foi/é masculina?” Tal questão nos impulsiona a pensar: quais os principais fatores que favoreceram e condicionaram a ciência ser masculina? Onde estavam as mulheres durante esse processo de construção? O autor aponta que talvez possamos concluir que a construção continuada de uma Ciência masculina se tenha fortalecido a partir de nossa tríplice ancestralidade: greco, judaica e cristã. Nesse rumo, a religião seria um dos principais fatores que favorecem a construção da ciência como masculina, pois a religião também é masculina, marcada por comportamentos misóginos e relações desiguais de gênero (CHASSOT, 2004).

A participante Alice, ao afirmar “*o machismo é enraizado desde que o mundo é mundo*”, alerta que a cultura do machismo mantém a dominação tradicional que foi e ainda continua sendo legitimada por crenças e tradições vigentes que perpassam durante várias gerações (NADER; CAMINOTI, 2014). A participante complementa que: “*O machismo tem sangue de milhares e milhares de mulheres, isso é uma realidade bem triste*”, referindo-se a questão do feminicídio, pois, todos os dias muitas mulheres são mortas por conta do machismo e práticas misóginas que cercam seus cotidianos, sendo que, na maioria das vezes, os criminosos foram seus próprios companheiros, protagonizando, em muitos casos, protagonizaram uma sequência de episódios violentos até se tornarem homicidas.

Quando a participante Alice acrescenta, “*não vai ser fácil limpar essa história suja enraizada*”, nos alerta para os danos irreversíveis que o machismo causa na sociedade tais como; assédio, abuso sexual, relacionamento tóxico, todo tipo de violência seja física ou verbal, que oprime, humilha e muitas vezes causa depressão, distúrbios, feminicídios, levando a morte de milhares de mulheres. Nessa direção, precisamos desconstruir a cultura machista, iniciando pela linguagem, desnaturalizando ditos costumeiros como “*Em briga de marido e mulher ninguém mete a colher*”, até atitudes ilícitas advindas do fruto de perpetuação histórica que se reflete na sociedade atual (CORTES et. al., 2015). Que a dor seja fonte de resistência, que o feminismo seja um ponto de partida para seguirmos na luta e construirmos um mundo mais humano e menos desigual.

Sobre o feminismo, ainda existem preconceitos acerca desse termo e do próprio movimento social. Além de associarem como oposto ao machismo, existe uma certa confusão e uma visão deturpada acerca do entendimento do movimento feminista. Muitas pessoas acham que as feministas almejam ter mais direitos que os homens, entretanto, feminismo é o que intercala tudo, justamente ao lutarmos por igualdade, para que as mulheres tenham os mesmos direitos que os homens, buscando desestabilizar o machismo e alcançar a equidade de gênero. No universo escolar, apesar de já existir um certo entendimento sobre o significado do feminismo e seus objetivos, também notamos um certo receio das discentes em se assumirem como feministas, talvez por medo de sofrerem preconceitos e/ou discriminações na escola.

Ao serem questionadas sobre se considerarem feministas, as respostas se multiplicam nas suas falas: algumas afirmaram serem feministas, outras não se

consideram feministas, ou se consideram “entre aspas”, evidenciando contradições. Agrupamos as falas de acordo com as convergências, divergências e contradições discursivas. Nesse rumo, as participantes Pérola, Bianca e Luna convergem ao afirmarem serem feministas.

Quadro 5 – 1º Encontro das entrevistas coletivas com as estudantes

2) Você se considera uma pessoa feminista?

Luna: *Eu me considero, mas, eu acho que eu não sou tão feminista*, eu não sei por que [...], mas, *eu acho que eu sou uma pessoa feminista*.

Pérola: *Eu me considero uma pessoa feminista, eu me zango com as regras de português “eles e elas” quando a regra fala que pode ter 99 meninas e se tiver 1 menino a regra vai ser eles[...]*, podem dizer que não, mas isso afetou sim a questão dos estudos[...] lá na minha casa também tem eu e meu irmão e *quando era mais nova meu irmão ficava deitado e a responsabilidade da casa era toda minha*, até que eu falei; chega! Os dois bagunça os dois ajeita. *Hoje em dia eu faço minha parte e ele faz a dele, aí a gente teve a questão da igualdade nas tarefas domésticas*.

Bianca: *Eu me considero feminista sim!* Eu acho que *essa luta pela igualdade ainda está muito longe de ser atingida e a gente vê isso de várias formas todos os dias*. Então, de certa forma *todas as mulheres precisam do feminismo pra saberem seu lugar e saber o que realmente merecem*, [...] sempre busco esta por dentro desses assuntos, desse movimento que eu acho muito importante.

Isabela: *Eu não me considero feminista, porque eu não luto pela causa*, eu não posto em redes sociais, obviamente *quando sei de algo que aconteceu com minhas amigas ou alguma pessoa que eu conheço eu presto meu apoio*, sei que é muito importante, por exemplo, pra eu ter direito ao voto, aos estudos, principalmente eu que curso informática que é um curso em sua maior parte exercido por homens[...] eu apoio o movimento acho de super importância.

Lorena: *Eu me considero uma pessoa feminista entre aspas*, como a gente mora no interior, não tem muito o que fazer, assim em relação a protesto, esse tipo de coisa sabe? Mas, *a gente tem que prestar atenção nos detalhes das mínimas coisas*. [...] *Para os homens eu sou uma pessoa chata porque eu sempre vou estar corrigindo-os, se tiver diminuindo as mulheres e eu não me canso disso*.

Fonte: Pesquisadoras, entrevista- 04/09/2020.

A fala da participante Lorena representa contradições ao enunciar “*Eu me considero, mas, eu acho que eu não sou tão feminista*”. Apesar de se autodeclarar feminista, essa frase vem acompanhada de opiniões contrárias marcadas por desconhecimento, pois na visão da discente, “ser feminista” estaria diretamente ligado a protestos, ativismo e militância, ou até mesmo “ser” menos feminina. Algumas participantes sinalizaram um certo estranhamento, evidenciando uma visão equivocada que dificulta o entendimento do feminismo como um movimento plural.

Quando Pérola destaca “*que eu me zango com as regras de português “eles e elas, quando a regra fala que pode ter 99 meninas e se tiver 1 menino a regra vai ser eles”*”, esse enunciado permite problematizar um sistema de linguagem sexista e falocêntrica que foi construído por homens e ainda perpetua na sociedade até os dias de hoje, invisibilizando as mulheres. As feministas radicais e, principalmente, as pós-feministas problematizam a importância da desconstrução desses vícios de linguagem, examinando os limites para articular e visibilizar a experiência feminina e desestruturar

a cultura machista dominante. Assim, as feministas pós acreditam que a linguagem exerce poder em transmitir valores sociais e culturais, (re)produzindo práticas machistas que desvalorizam a mulher, promovendo a dominação masculina. Essa linguagem sexista precisa urgentemente ser transformada, pois, não apenas descreve a “realidade”, mas, a cria, transmitindo valores sociais e culturais (MCLAREN, 2016).

Por outro lado, as falas das jovens Isabela e Lorena são divergentes quando enunciam, respectivamente: “*Eu não me considero feminista*” ou “*me considero feminista entre aspas*”. Tais enunciados vêm carregados de contradições quando as participantes justificam que tal posição está diretamente associada a protestos e ativismo, desconhecendo a multiplicidade dos feminismos. Ao destacarem: “*quando acontece algo com minhas amigas ou alguma pessoa que eu conheço eu presto meu apoio*”; “*Para os homens eu sou uma pessoa chata porque eu sempre vou estar corrigindo-os, se tiver diminuindo as mulheres e eu não me canso disso*”, tais ditos representam a sororidade e o empoderamento feminino.

McLaren (2016) ressalta que para as feministas o empoderamento está diretamente relacionado com as relações de poder, discutida pelo filósofo francês Michel Foucault, implicando na noção de liberdade, cujo sentido se mostra ambivalente constituindo dois aspectos: um negativo e um positivo. No primeiro, o poder opera como forma de controle que limita, normatiza e regula os sujeitos se aproximando do conceito de “dominação masculina”. Já no segundo, o poder opera de forma coletiva, positiva e não coercitivo ampliando um leque de possibilidades e habilidades dos indivíduos, para (re)criar e transformar situações, constituindo o empoderamento feminino, uma vez que é produtivo e transformador. Além de possibilitar combater as diversas formas de dominação. Vale ressaltar que ambas concepções de poder operam de forma individual e coletiva (MCLAREM, 2016).

Para Souza (2016, p. 1), a sororidade pode ser compreendida como a “[...] união e a aliança entre mulheres baseadas na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum”. Portanto, destacamos a importância do movimento feminista e da sororidade para fortalecer a união das mulheres, para juntas lutarem e alcançar seus objetivos e desestruturar o patriarcado que naturaliza o machismo, misoginias e práticas sexistas, tanto na escola quanto nos demais espaços sociais (SILVEIRA; ALDA, 2018).

CONCLUSÕES TRANSITÓRIAS

Embora “feminismos e feminilidades” sejam temáticas presentes, indiretamente, no contexto escolar e nas vivências estudantis, ainda não foram incorporadas de forma contínua e sistemática nos currículos escolares, sobretudo em decorrência do patriarcado e do machismo que reforçam demais preconceitos como a misoginia, principalmente na Região Cariri cearense. Durante a pesquisa de campo, por meio das narrativas estudantis, evidenciamos que o cenário escolar é marcado por machismo, misoginias e práticas sexistas, de forma sutil, posto que se camuflam em atitudes e comportamentos dos sujeitos, sobretudo a partir da tentativa de restrição da liberdade e invisibilização das mulheres, ocasionando a opressão e submissão feminina.

Nessa ótica, as participantes relacionaram feminismos e feminilidades com suas vivências/narrativas estudantis, evidenciando questões como assédios, inclusive nos espaços escolares, constituindo violências (físicas e psicológicas). Destaca-se, ainda, os padrões estereotipados de gênero impostos pela sociedade e o não reconhecimento das múltiplas feminilidades, o que ocasiona a cristalização de uma identidade hegemônica, ao (re)produzirem preconceitos e assimetrias nas relações de gênero, impossibilitando os/as jovens de vivenciarem e expressarem suas identidades/diferenças sexuais e de gênero e demais marcadores sociais.

Acreditamos que, a partir das entrevistas coletivas sobre as temáticas de feminismos e feminilidades, incentivamos as jovens estudantes a desenvolverem um olhar crítico, estimulando o exercício de problematização acerca de práticas machistas que cercam o nosso cotidiano e privam as mulheres da autonomia sobre seus corpos e suas vidas, além de tentarem impedi-las de conquistarem sua emancipação social e política. A pesquisa contribuiu também para despertar o interesse das alunas acerca das temáticas de feminismos e feminilidades, uma vez que nos espaços escolares não costumam ser discutidas, por mais que o machismo esteja presente nas vivências estudantis.

Dessa forma, torna-se urgente e necessário desenvolver políticas públicas para amparar as (jovens) mulheres contra violências e desigualdades de gênero, sobretudo, incorporar as temáticas de gênero, feminismos e feminilidades nos currículos escolares, para que possamos resgatar vidas através da educação. Precisamos apontar novos horizontes e ir além, buscando dar um novo sentido para os currículos escolares. Nesse

caminho, o feminismo seria um ponto de partida para derrubar as barreiras e ultrapassar as fronteiras de gênero.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale. Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário antropológico*, v. 20, n. 1, p. 161-189, 1996.

AMÂNCIO, Ligia. Os seres e os Modos de Ser. *Masculino e Feminino: a construção social da diferença*, p. 35-88, 1998.

ATLAS DA VIOLÊNCIA. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019).

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor-identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & realidade*, v. 21, n. 1, 1996.

CHASSOT, Áttico. A ciência é masculina? É, sim senhora! *Revista Contexto & Educação*, v. 19, n. 71-72, p. 9-28, 2004.

CORTES, Janaina et al. A educação machista e seu reflexo como forma de violência institucional. *Seminário Internacional de Educação no Mercosul, XVII*, 2015.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista brasileira de educação*, n. 23, p. 36-61, 2003.

DORNELLES, Priscila Gomes. *Distintos destinos? A separação entre meninas e meninos na educação física escolar uma perspectiva de gênero*. (dissertação de mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2007.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. *Corpo, gênero e sexualidade. Um debate contemporâneo na educação*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 124-135, 2003.

FELIPE, Jane. Erotização de corpos infantis. In: LOURO, G L, FELIPE, J; GOELLNER, S V (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução de Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade do saber*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Proposições*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 56, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Flor de Açafreão: takes, cuts e close-ups*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi et al. Padrões de beleza, feminilidade e conjugalidade em princesas da Disney: uma análise de contingências. *Diversidade e Educação*, v. 8, n. Especiam, p. 123-142, 2020.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós estruturalismo. *Estudos Feministas*, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação Expressão/UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, v. 13, n. 3, p. 483-505, 2005.

MCLAREN, Margaret A. *Foucault, feminismos e subjetividade*. São Paulo: Intermeios, 2016 (Coleção Entregênero).

MICHELLI, Regina Silva. Embates e enlacs do feminino em contos de Grimm. *Comunicações do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura III: Interfaces. Darandina Revisteletrônica–UFJF, Juiz de Fora*, v. 2, n. 3, p. 1-13, 2009.

MEYER, Dagmar E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.11-29.

NADER, Maria Beatriz; CAMINOTI, Jacqueline Medeiros. Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica. *Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas*, v. 16, 2014.

NASCIMENTO, Marcos; SEGUNDO, Márcio. Hombres, masculinidades y políticas públicas: aportes para la equidad de género en Brasil1. *Masculinidades y Políticas Públicas: Involucrando Hombres en*, p. 50, 2011.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000.

OLIVEIRA, Laís Paula Rodrigues; CASSAB, Latif Antonia. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. *Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas*. Universidade Estadual de Londrina. 2014.

PAULA, Raí Carlos Marques; DA ROCHA, Fátima Niemeyer. Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo. *Revista Mosaico*, v. 10, n. 2Sup, p. 82-88, 2019.

RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil. *Cadernos AEL*, 1996.

ROSA, Cristiano Eduardo; FELIPE, Jane; LEGUIÇA, Michele Lopes. “Eu não sou um homem fácil”: *scripts* de gênero e sexuais em tela e na educação. *Revista Práxis*, v. 2, p. 284-300, 2019.

RIBEIRO, Paula Regina Costa; ÁVILA, Dárcia Amaro. Sujeitos, histórias, experiências, trajetórias... a narrativa como metodologia na pesquisa educacional. *Pesquisas em Educação: experimentando outros modos investigativos*. Coleção cadernos Pedagógicos da EaD, v. 18, 2013.

ROSSI, Jean Pablo Guimarães; BABINSKI, Marieli. Quem pode ser merida? Estratégias para a educação de gênero e o empoderamento feminino: um relato de experiência. *Diversidade e Educação*, v. 8, n. 1, p. 529-544, 2020.

ROSOSTOLATO, Breno. Alextimia e masculinidades. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 30, n. 2, p. 55-64, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & realidade*, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, Elizabete Rodrigues. Feminismo radical–pensamento e movimento. *Textura*, v. 3, n. 6, p. 24-34, 2008.

SILVA, Milena Oliveira da et al. *Corpo, Cultura e Obesidade: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastroplastia*. 2017. 212f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil, 2017.

SILVA, Nadson Fernando Nunes; SALES, Ailson Nunes; BASTOS, Sandra Nazaré Dias. Feminilidades e masculinidades: uma análise a partir de filmes infantis. *XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC* Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – julho de 2017.

SILVEIRA, Maria Eduarda; ALDA, Lucía Silveira. Nós, mulheres: a importância da sororidade e do empoderamento feminino. *VII Seminário corpo gênero e sexualidade III Luso-Brasileiro* Educação em sexualidade, Gênero, saúde e sustentabilidade resistências e ocupações nos espaços educacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2018).

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em Educação – uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber. *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. 117-138.

SOMMER, Beatriz Miranda et al. *Desigualdade de gênero no mercado de trabalho: Percepções de estudantes de Administração durante a experiência de estágio Trabalho*.



Trabalho de conclusão de Curso (Graduação) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.

SOUZA, Babi. *Vamos juntas?* o guia de sororidade para toda. 1a Ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.

STEIL, Andrea Valéria. Organizações, gênero e posição hierárquica-compreendendo o fenômeno do teto de vidro. *Revista de Administra&ccdeil; ao da Universidade de São Paulo*, v. 32, n. 3, 1997.